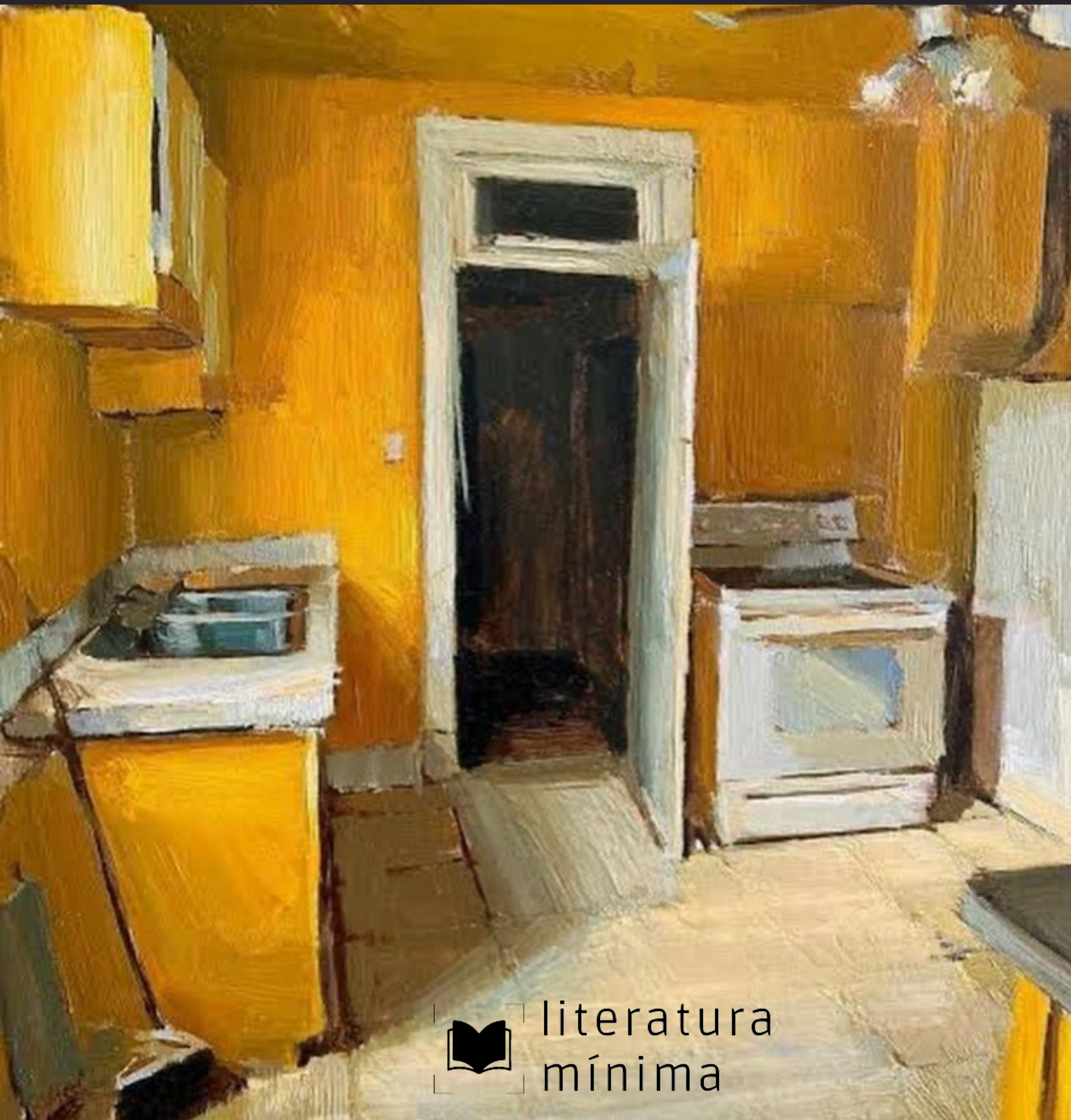


ROBERTSON FRIZERO (ORG.)

A COZINHA AMARELA

.....
E OUTROS MICROCONTOS
SOBRE A INVEJA



literatura
mínima

ROBERTSON FRIZERO (ORG.)

A COZINHA AMARELA

**E OUTROS MICROCONTOS
SOBRE A INVEJA**

Da série: "A casa dos pecados"

Brasil, 2022.

Para os nossos leitores,
com o coração grato.

O invejoso, em vez de sentir prazer
com o que possui, sofre com o que
os outros têm.

[Bertrand Russell]

A inveja vê sempre tudo
com lentes de aumento
que transformam pequenas coisas
em grandiosas,
anões em gigantes,
indícios em certezas.

[Miguel de Cervantes]

A p r e s e n t a ç ã o

A Literatura Minimalista tem um enorme potencial para contar histórias com profundidade. A limitação (autoimposta) de espaço faz com que os autores concentrem todos os seus esforços para oferecer ao leitor um texto rico em referências e subtexto. Cada palavra conta, cada frase precisa trazer mais que apenas o que o texto diz em uma primeira leitura. Isso faz com que a Literatura Minimalista aproxime-se da poesia e sugira muito mais do que conte.

Esta pequena coletânea de textos é um bom exemplo da riqueza desses pequenos textos. A ideia partiu de uma imagem, um quadro. Dessa imagem, cada autor trouxe uma história sobre a inveja - tema desta antologia. Delicie-se, querido leitor. Estou certo de que estes textos irão te divertir e te farão pensar - talvez até se identificar com alguma dessas cenas.

Robertson Frizero

Índice

A cozinha amarela [Robertson Frizero]	7
A cozinha dos sonhos [Cida Nunes]	8
A inveja [Sônia Oliveira]	9
Amarelo vivo [Guilherme Balarin]	10
A obra [Brígida de Poli]	11
Caderno de sonho [Doralino Souza]	12
Conversa de(s)corada [James Deam]	13
Conversa fiada [Guilherme Balarin]	14
Cor preferida [Cida Nunes]	15
Felicidade alheia [Doralino Souza]	16
Gosto amargo [Viviane Alves]	17
Las raíces [Renata Lima]	18
Novos emergentes [Lucimar Vieira]	19
O maior sorriso [Lygia Maria Andrade]	20
O quadro [Ana Paula de Toledo Aygadoux]	21
Perspectiva [Robertson Frizero]	22
Presença [Taís Oya]	23
Primeiro almoço em família [Dedé Ribeiro]	24
Resgate [Daniel Waismann]	25
Rosinha [Janice Nodari]	26
Sorriso amarelo [Sílvio Marconi]	27

A COZINHA AMARELA

A cozinha amarela

Amélia tinha até estudado, noivara; Arminda nem educação tivera, quanto mais homem — caçula cuida dos pais; tradição. Amélia saía de casa, contava do mundo para a mãe acamada; Arminda fazia papas, trocava fraldas da senhora — era uma serva.

Arminda fez murcharem os pais; celebrou, calada, cada morte. Pensou ser livre. Mas Amélia, em uma viagem romântica, ganhou uma cadeira de rodas.

Arminda cuida da irmã. Pintou a cozinha de um nauseante amarelo: se Amélia pede sol, planta-a na frente do fogão. Vivi sempre aqui, não fez falta o quintal, repete quando Amélia chora de saudade das pernas e do noivo.

Robertson Frizero

A cozinha dos sonhos

— Tinha que ser amarelo?! — Maura disse baixinho.

Cíntia nem percebeu e logo foi mostrando a cozinha toda amarela, sua cor preferida. O piso de cerâmica estava em alta, era novidade, observou Maura, arrastando a sandália de salto alto, tentando arranhá-lo, enquanto Cíntia preparava café com biscoitos.

De repente, um grito. Cíntia olhou para trás e lá estava amiga, espatifada no chão da cozinha. Ao fazer outra tentativa de arranhar o piso, Maura caiu, virando o pé.

— Meu Deus o piso é antiderrapante, o que aconteceu?! — Disse Cíntia, ajudando a outra a levantar-se.

— Essas paredes amarelas, parece hepatite, fiquei tonta! — Mentiu Maura, furiosa.

Cida Nunes

A invejosa

Era o casamento de Marcele e Chico. Após a linda cerimônia, o buquê foi lançado e muito disputado na escada da igreja. Dalva, a prima de Chico, saltitou e pegou o buquê, olhando a todas com superioridade. Sorriu e disse:

— Sou a próxima a me casar!

Depois, ofereceu para levar os recém-casados em casa no sítio que Chico comprou. Chegando, Dalva observou toda a cozinha linda e amarela. Desejou ter uma igual. Antes de deixar os pombinhos, pediu água e, ao abrir a geladeira, gotejou várias gotas de sonífero na jarra de sangria, esperando que a noite fosse um desastre.

Sônia Oliveira

Amarelo vivo

— Meu Deus!

— Inspetor Dráusio, senhor. Já reviramos a cozinha atrás de impressões digitais ou qualquer pista que nos leve ao assassino. Cuidado onde pisa, tem muito sangue ao redor do corpo.

— Olha todo esse amarelo!

— Ah, sim, a vítima tinha obsessão por...

— Veja só o dégradé dessa parede! Lindo, lindo.

— Senhor...

— E as nuances do teto. Esplêndido!

— Inspetor, por favor, a vítima! Poderia nos dar sua opinião sobre a vítima?

— Ah, tem isso... Bem, quem se importa!? Aparentemente não posso negar que, pelo menos, o maldito tinha bom gosto. Olha só os detalhes dos puxadores em dourado!

Guilherme Balarin

A obra

O design interno não é igual, mas bem parecido. Já mandei trocar o amarelo pelo verde-menta, o granito da pia para mármore de carrara.

O fogão será um cooktop de seis bocas e o refrigerador de inox com freezer embaixo. Só preciso descobrir a marca.

Esqueci algo ? Vou olhar a foto no celular. Fotografei da revista com a reportagem " Dez inspirações de cozinhas gourmet". A deles saiu na capa!

Quando era casado comigo, nunca abria a mão. Agora, gasta horrores com a "perua".

Exigi uma cozinha igualzinha para assinar os papéis do divórcio. Depois, mando demolir.

Brígida de Poli

Cadernos de sonho

Gena vasculhou os dois cômodos da casa. Abriu e fechou portas dos armários. Procurou nos cantos, ao lado do fogão, debaixo da cama e da pia. Finalmente encontrou. Embrulhados com jornais, dentro duma lata na prateleira acima da única janela. “Acha que me engana, maninha, não mesmo”, murmurou. Abriu o improvisado pacote. Os olhos rareando d’água. As mãos trêmulas. “E desde quando essa família tem permissão pra ler e escrever poesias? Desde quando temos permissão pra sonhar? Nosso talento é lavar e passar roupa. Cuidar das casas e dos filhos das madames”, ia falando enquanto rasgava os cadernos da irmã.

Doralino Souza

— Pode entrar. A patroa só não repara a bagunça. Vou passar um cafezinho para agradecer a carona.

Odete mal escutava. Tinha os olhos grudados naquela cozinha quase indigente.

— A senhora tem aquele espaço *gourmet* enorme, mas esse cubículo recebe bem mais gente.

— Que horror, Alzira. Pequena e aglomerada de risos e conversas? E o minimalismo, e a privacidade? Cozinha tem de ser decorativa, conforme as tendências de Milão. Amarelo nas paredes?

— Me lembra bolo de fubá.

— Vou deixar o café para outro dia – bradou Odete, indignada com a desfaçatez de uma cozinha feliz e de uma cozinheira-designer-de-interiores.

Conversa fiada

— Coitado do Lelo, tendo que conviver com aquela doida.

— Não tenho dó, não senhora! Ele sabia exatamente onde estava amarrando o burro.

— Mas ela é artista. Artistas são meio loucos, mesmo.

— Só que ela enlouqueceu de vez! De verdade verdadeira!

— É, ter pintado aquela cozinha todinha de amarelo...

— Normal é que não é.

— Mas ficou bonita, vai!

— Bonita nada! Mais feia que...

— Ah, para! Sei bem que se você pudesse faria a mesma coisa na sua.

— É... Eu teria usado outro tom. Aquele que ela usou é muito feio; mais apagado que o fogo do meu Tião, Deus o tenha.

Cor preferida

Sofia estava radiante, finalmente sua cozinha estava como ouro, sua cor preferida.

No teto, o ventilador que ganhará de seu avô; estava tudo impecável.

As visitas chegaram. Laura, ao ver tudo novinho, torceu o nariz. *Sempre quis um fogão de seis bocas como aquele, e o armário de parede!*, pensou ela.

— Teremos lasanha para o almoço, minha especialidade! — Disse Sofia, atenciosa.

Assim que Laura teve uma oportunidade, deligou o gás. Satisfeita, olhou as paredes amarelas, fungando de ódio. Só queria ver a cara da cunhada ao servir o almoço.

— Adoro lasanha.— Disse ela com um sorriso bizarro.

Cida Nunes

Felicidade alheia

Enquanto o motorista Inácio procurava um casaco no quarto, o patrão aguardava na cozinha da pequena casa. Como esse sujeito pode ser feliz? pensou, olhando ao redor. Móveis simples. Pintura gasta. Paredes carcomidas. Que direito esse imbecil tem de exhibir felicidade? Inácio surgiu, vindo do outro cômodo. Sorriso jovial. Olhar pleno de satisfação. O patrão o encarou. “Vamos logo ou perderei o voo”. O empregado assentiu, prestativo e educado. Ainda mostrou ao patrão o ventilador de teto. “Dez prestações.” Na volta me darei o prazer de demitir esse babaca feliz, definiu para si o patrão, e sorriu para o Inácio.

Doralino Souza

Gosto amargo

Quando comprou os móveis da casa onde moraria depois de casada, Ana convidou Elisa. Eram amigas desde criança. Para Ana, a opinião da amiga era de extrema importância.

Ao chegar a cozinha toda pintada em uma bela e alegre cor amarela, os móveis bonitos, o ventilador no teto — privilégio para poucos —, Elisa sentiu um amargor na boca. A amiga tinha tudo, sempre.

Ana, sem perceber o incômodo que sua alegria causava, olhava fixamente para Elisa, mordendo as unhas, à espera:

— Gostou Elisa?

— Essa cor é horrível, Ana. Desculpe a sinceridade.

— Acho que você tem razão, amiga.

Elisa sorriu, sem remorsos.

Viviane Alves

Las raíces

"Nossa mãe morreu", disse Juan, encarando Carlos.

Nos momentos seguintes, só se ouvia o ruidoso ventilador de teto. O terno de Juan estava empapado de suor; a cor das paredes, amarelo berrante, parecia esquentar ainda mais a pequena cozinha.

Carlos chorou. Sentiu o cheiro de lodo da pia.

"Não se sinta mal por ter sumido, ela teve do bom e do melhor", disse Juan, ajeitando seu Rolex.

Antes de ir, Juan respondeu que "Não, a mãe não falava mais de você". Levaria essa mentira para o túmulo, merecido deleite para quem sempre fez tudo, mas nunca foi o filho favorito.

Renata Lima

Novos emergentes

– Nada de cores apagadas e móveis sem graça. Quero vida.

A casa parecia um arco-íris. Maria tinha gostos para lá de extravagantes. Nada passava despercebido. A vida miserável ficara para trás. Copiou tudo da antiga patroa, e botou em dobro.

– Se a minha cozinha dourada falasse... Botava muitas por aí no chinelo. – Vaidosa, gabava-se.

Casa pronta. Fez uma festa linda. Ela precisava dividir a felicidade.

– Espalhafatosa. – A vizinha pensava consigo. – Cozinha cor de cocô de bebê, essa é boa. Emergente querendo ser chique... Não entendeu ainda que “o mais, é demais...” – Desdenhou.

Lucimar Vieira

O maior sorriso

Ela se encantou pela casa. Era toda mostarda, sua cor preferida; tinha um quintal grande, grama verdinha, uma árvore. Foi fácil sair do apartamento e ir para lá. Fez festas, publicou fotos e não poupou ninguém da sua felicidade naquele espaço. Um dia, uma chuva veio forte e alagou a casa. Ela perdeu os móveis e o gramado bonito. Os trinta centímetros de água desbotaram o mostarda que ela amava. Precisou de ajuda para reerguer tudo. A melhor amiga chegou pra ajudar; entrou pela lavanderia, viu o cenário de destruição e sorriu. O sorriso mais sincero dos últimos meses.

Lygia Maria Andrade

O quadro

Fiquei muda ao notar o quadro amarelado manchando a parede branca. Foi para aquilo que ela me trouxera à sua casa nova: era a foto da minha cozinha manchando o ambiente luxuoso.

— Gostou, Dora? — Ela debochou. — Coloquei ali para lembrar de você — e me olhou com desdém.

Eu nada respondi. Sem hesitar, peguei a faca de cima do balcão e tingi o porcelanato de vermelho.

Ana Paula de Toledo Aygadoux

Perspectiva

A cozinha é o tamanho do meu apartamento. Só aquela dispensa ali é o meu banheiro mais a sacadinha que eu tanto fico alardeando como o meu bar dos almoços de sábado. E essa pia de duas cubas, duas! Um fogão enorme, nem precisa comprar. Sem falar em ter ventilador de teto até aqui! Que sonho, meu Deus! Se eu tivesse uma cozinha dessas, era aqui mesmo que eu começava o meu negócio de marmitas e...

– O que achou, Murilo?

– Esse amarelo nas paredes parece um fungo.

Robertson Frizero

Presença

Levou apenas três dias para eu odiar a cor amarela. No dia da minha mudança para a casa nova, me senti vitoriosa. Porque sempre almejei estar ali, no lugar dela. Mas, havia roupas amarelas no armário, toalhas amarelas, móveis e panelas da mesma cor. A minha primeira exigência foi ele pintar as paredes.

Ele pintou... De amarelo.

Taís Oya

Primeiro almoço em família

A Provence ardia, com termômetros batendo quarenta graus no entardecer. Adèle pensou, mas não falou do absurdo de uma cozinha amarela num lugar tão quente. Sentiu uma brisa e elogiou a nova cunhada pelo ventilador de teto. Sem perceber a irritação da convidada, a anfitriã havia mostrado cada detalhe da casa nova, chegando onde havia preparado com cuidado a refeição do dia seguinte. Empolgada, adiantou:

– Ostras, vieiras, ouriços e os melhores peixes marinando no refrigerador. Vocês nunca provaram nada igual!

Adèle sorriu e, antes de sair, seguindo a cunhada, puxou com o pé a tomada do refrigerador:

– Mal posso esperar!

Resgate

Sara voltou à casa de sua infância, sem saber o que esperar. Só não contava, ao bater, que uma garota com seus sete anos abrisse a porta. E que, coincidentemente, tivesse o mesmo nome que o seu.

— Eu queria entrar um pouco, vivi até os dez anos aqui.

A menina olhou desconfiada, mas deixou aquela senhora, de aparência frágil, entrar. A cozinha permanecia amarela, mesmo sendo *démodé*. Pôde sentir os odores dos pratos que sua avó e mãe preparavam, assim como ouvir as discussões entre as duas.

Entre os devaneios, invejou o tempo que a pequena Sara teria pela frente.

Daniel Waismann

Rosinha

Manoel precisava de ajuda. Único motivo para bater à porta de Antônio a uma hora daquelas.

Ainda nervoso, adentrou a cozinha a convite do primo e quase caiu de costas. Não é que a cozinha era amarela como o cabelo de Rosinha? *Desgramado! Tirara dele o único amor da sua vida*, lembrou-se.

— Fale, primo, o que o aperreia?

— É meu trator, primo. Atolou no charco perto da restinga. Preciso do teu pra tirar o meu de lá.

— Mas claro! Deixe-me avisar a Rosinha que volto mais tarde.

Ou não volta nunca mais, pensou Manoel, retorcendo o lábio.

Janice Nodari

Sorriso amarelo

Foram décadas de trabalho até a compra da casa própria. Célia e Cecília namoraram e casaram-se quase ao mesmo tempo. Célia desposou um habilidoso carpinteiro, que fez de sua casa um mimo de capricho.

Para sua surpresa, Célia, quando foi retribuir uma visita à amiga, deparou-se com a cozinha toda pintada de amarelo.

Disse a anfitriã, com um sorriso da mesma cor: - Essa é a cozinha de meus sonhos.

Era uma cópia bizarra da bela cozinha, construída em cerejeira, que Célia ganhou do marido.

Com o sinal amarelo aceso, ela tratou de levar seu amado para bem longe dali.

Sílvio Marconi

A COZINHA AMARELA



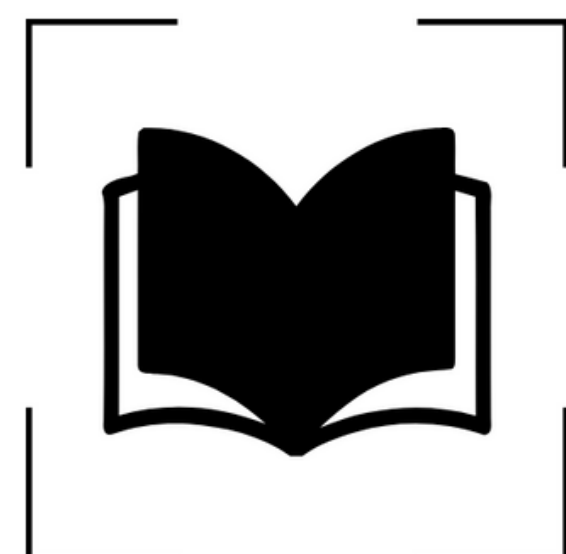
As obras de arte que
inspiraram nossos
autores são da
artista plástica
norte-americana
Mary Sauer:

 @marysauerart





Peça por e-mail as
nossas antologias
gratuitas:
frizero@live.com





O Clube de Criação Literária é um programa de formação continuada para escritores, com uma intensa programação mensal de oficinas literárias e cursos. É também um coletivo de autores que promove ricas trocas culturais e diversos projetos de produção e divulgação de textos literários - dentre eles o LITERATURA MÍNIMA. Conheça o Clube e suas vantagens, seja um de nossos afiliados;

www.apoia.se/clubedecriacaoliteraria

Este ebook foi produzido pelo projeto Literatura Mínima, cujo objetivo é a divulgação da Literatura Minimalista. O livro tem distribuição gratuita e agradecemos sua distribuição e divulgação.

Conheça o LITERATURA MÍNIMA e registre lá a sua opinião sobre este livro-presente:



@literaturaminima



Brasil, outubro de 2022.

Todos os direitos reservados aos autores.

Organização, diagramação e revisão:

Robertson Frizero

Contatos: Robertson Frizero [frizero@live.com]

Fonte usada: Arapey / Raleway